



²² Cf. QUASTEN, Johannes, *Patrología*, vol. I, BAC, 1968, pp. 73-85, ou *Padres Apostólicos*, Paulus, col. Patrística 1, 1995, 336 p., Introd. e Notas de FRANGIOTTI, Roque

²³ *Justino de Roma, I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Paulus, col. Patrística 3, 1995, 328 p., Introd. e Notas de FRANGIOTTI, Roque

²⁴ Id., *ibid.*, p. 82

²⁵ Id., *ibid.*, p. 287

²⁶ Id., *ibid.*, p. 288

²⁷ *Ireneu de Lião*, Paulus, col. Patrística 4, 1995, 624 p., Introdução, Notas e Comentários de RIBEIRO, Hércion

²⁸ Id., *ibid.*, p. 419

²⁹ Id., *ibid.*, p. 423-424

³⁰ Id., *ibid.*, p. 522-523. Vale a pena citar aqui a Nota 7, p. 523, de RIBEIRO, Hércion: "Tanto firme quanto impressionante é a teologia de Ireneu sobre a Eucaristia – que por sua vez está ligada à teologia da ressurreição. Cristo recapitula todo o cosmo no pão e no vinho, e estes elementos se transformam em Eucaristia e, portanto, em alimento dos seres humanos; ela os capacita para receberem a imortalidade e a incorruptibilidade de Cristo. A carne acostumada a receber o 'Pão da Vida' (cf V,3,3) será ressuscitada e verá a Deus".

³¹ QUASTEN, Johannes, *Patrología I*, BAC, Madrid, 1968, p. 674

³² Cit. em ROSSI, Marcelo, *Eu sou feliz por ser católico*, ed. do Autor, São Paulo, 2000, p. 17

³³ SANTOS, Bento Silva, *Teologia do evangelho de João*, ed. Santuário, Aparecida, SP, 1994, p. 389

³⁴ PEREIRA, Ney Brasil, no "Jornal da Arquidiocese", n. 46, agosto de 2000, p. 6, "O Sinal do Pão"

³⁵ KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João, Amor e Fidelidade*, col. Comentário Bíblico Vozes/Sinodal, Petrópolis, 2000, pp. 186-187

Endereço do Autor:

ITESC - Cx. Postal 5041
89040-970 Florianópolis - SC

Neste final de milênio e início de um novo milênio, a atenção se volta para a escatologia. Numa breve comunicação, o autor estuda o tempo e seu significado, nas dimensões de passado, presente e futuro, e pergunta pelo sentido, no tempo presente, da esperança. Pergunta também que relação existe entre "este mundo" e o "mundo da promessa", do plano de Deus, e se é possível conjugar a escatologia com um futuro intra-histórico.

Entre a História... e a Escatologia

Pe. Vitor Clemente Müller

Doutor em Teologia e Professor no CINTEC, em Cascavel, PR



É dentro da história que o ser humano se indaga sobre o fim². A pergunta mais insistente é aquela que é colocada sobre a perspectiva “depois do fim”. A preocupação do ser humano é alimentar a sua vida com o que lhe dê sustento para uma realidade mais concreta “depois do fim”. Esta realidade última historicamente vivida poderia apresentar um caráter definitivo do fim – contanto que este fim não fosse o da transcendência. Se há um “depois do fim”, não haveria um “antes do início”? Porque a protologia a que K. Rahner se referia não progrediu? Parece provar que perscrutar o ambiente a-histórico faz do homem um i-realista – postura adversa à teologia.

1. O tempo

A primeira indagação que surge quando se aborda o conceito de escatologia e todo o seu conteúdo intrínseco é esta: o que tem haver a teologia com a realidade das coisas últimas? Para responder a esta questão de modo fácil, ponderar-se-ia que a teologia está alicerçada na Bíblia, *fonte primeira da fé*, a qual conduz para um futuro de esperança, contido na promessa feita por Yahveh a Israel.

Mas por que a Bíblia apresenta afirmações escatológicas? Como a escatologia está presente em nossa vida atual, em nosso pensar e em nossas preocupações? Haveria algo no homem, que lhe permitisse pensar num futuro último, que é matéria da escatologia?

A escatologia possui um elemento inerente que é a *temporalidade*. A temporalidade na escatologia adquire um valor preponderante à medida em que configura um sentido essencial à vida humana. *O que seria do tempo se não fosse o homem?* O contrário seria trágico. Quando na vida humana se faz “passar o tempo” (*fare il tempo passare*), conclui-se que o tempo tornou-se sujeito determinante do homem. Se o sujeito humano



confere um sentido ao tempo é capaz de envolver-se na dinâmica histórica e servir-se do tempo para uma realização plenamente humana.

O tempo é o espaço materialmente concreto em que o homem está sujeito a partir de uma coordenada física. O tempo se articula em três dimensões: *passado, presente e futuro*.

O *tempo* nos interessa enquanto *vivência humana*; pois ele se reveste de uma *densidade* e um *significado* em que *as coisas* e o próprio *homem* adquirem um caráter particularmente substancial.

No homem, o *passado* não é algo apenas que se foi e deixou de existir pela irrupção do presente. O passado não só é atualizado pelo presente, mas condensado de modo totalizante, exprimindo uma identidade pessoal que *me faz ser agora aquilo que sou*.

Quanto ao *presente*, este não é apenas o tempo imediato, mas a condensação total da realidade humana de forma nova. “Cada evento humano vem potencializado do passado e potencializa o futuro”³. Neste presente, contém-se um projeto de futuro. “Quem só é e pode ser, pode esperar: o homem”⁴.

Quanto ao *futuro*, no homem é marcado por um planejamento a partir do passado e uma nova ótica do presente. Projetar e planejar dão identidade ao ser que no passado não somente foi, mas que no presente continua a sua essencialidade *sendo e esperando*.

O homem vive entre as três dimensões da temporalidade, mas fascinado pela dimensão do futuro. A dimensão do futuro é a prioritária. *Eu sou algo que ainda não sou*. É a continuidade do já contido no passado que é antecipado no projeto do meu futuro. Se o homem vive fascinado pelo futuro, é porque este futuro o insere numa dinâmica de novidade. O interesse pela novidade o faz viver com paixão e arriscando a sua própria vida em seu futuro. Vive o seu futuro com uma liberdade que é *criadora*, intrinsecamente portadora de um ato humano consubstancialmente divino. Chegamos à fronteira em que o homem encontra o limite de sua própria ação e recebe em sua capacidade criativa a *liberdade* que é também divina. *A história não é algo somente protagonizado pela liberdade humana, mas que a ação de Deus consubstancia com a qualidade humana criativa, tornando-a um ato congênito e essencialmente belo*.

Por um lado, o futuro pertence a um quadro onde parcialmente é



possível prever, planejar, antecipar, e *por outro* é reservado à liberdade criativa, onde a previsão, o planejamento e a antecipação do futuro não estão confinados puramente às mãos humanas, mas as transcendem. Estes dois ângulos compõem globalmente o futuro humano.

2. A esperança no tempo

O cristão possui um jeito especial de contemplar o futuro neste mundo. Tudo aquilo que ainda nesta história do tempo não está restrito às decisões da iniciativa humana é determinado pelo caráter de esperança, garantido pela Palavra de Deus. A palavra de Deus contém uma promessa para o futuro, e nós pensamos que este futuro não é apenas uma projeção subjetiva dos nossos desejos e intenções. Nesse futuro Deus participa, e nele se engaja como causa sua, elevando-o ao nível da esperança. Nesta causa humana está o objeto da esperança.

Que relação existe entre *este mundo* e o *mundo da promessa* da palavra de Deus? É possível relacionar a esperança cristã com as expectativas intramundanas e intrahistóricas? As *expectativas* nos orientam para objetivos mais imediatos e claramente definidos, enquanto que a *esperança* leva para uma realização sem frustrações, que não posso atingir por mim mesmo.

Parece haver uma certa antítese entre a *esperança* e a *expectativa*, entre o futuro intramundano e o futuro-novidade. Na última frase da *Utopia* de São Thomas More, se lê: “Aspiro, mais do que espero”.

Sem dúvida, há uma distinção entre *esperança universal* e a *expectativa contextual*, mas não uma incompatibilidade. *O cristão é um homem que olha para o futuro com esperança*. Como pode o cristão ‘dar a razão da sua esperança’ (1Pe 3,15)? Ou seja, como pode o cristão exercer seu ofício de “esperante”, se não for participando das expectativas intramundanas?

Porque é que, quando tratamos da esperança, desqualificamo-la da história, mesmo sabendo que a fé e a caridade, como virtudes teológicas, também se realizam pela mediação da história? Porque é que não aplicamos o mesmo critério à esperança? Se alguém não participasse ativamente das expectativas intramundanas, não teria razão para se apresentar como um ‘esperante’, como um homem de esperança. Se realmente esperamos um futuro absoluto, a única atitude que traduz isso é a esperança concretizada nas expectativas intramundanas.



3. É possível conjugar a escatologia com um futuro intrahistórico?

Por que o ser humano espera *tanto* do fim? Porque o *fim* – na linguagem popular – se apresenta de forma tão amedrontadora? É porque o homem negligenciou “a história” ou o “depois do fim”. Este aspecto que chamo de “amedrontador” tem a sua causa na ingerência do homem na história ou na apatia em relação ao que é historicamente intramundano.

No que tange a participação ativa do homem no futuro intrahistórico, temos o fato de que ele próprio descobriu o papel relevante que possui nesta história – que com suas mãos há muito o que fazer – de modo que a sua ação está impregnada de um caráter com proporções eternas. “Apesar de todas as carências biológicas, psicológicas, intelectuais, o homem é ser destinado à plenitude”⁵. Contudo, afirma-se que não se espera a escatologia, mas ela se faz no decorrer da história com toda a concretude que lhe é inerente. *Esperar a escatologia ou fazer a escatologia – eis a questão!* Na *lingüística*, se distingue entre o ativo e o passivo. Na *história humana* há os que só esperam e os que só fazem. *Como expressar esta realidade tão histórica quanto teológica?*

O que fazer da história para poder esperar na escatologia, e o que fazer da escatologia para esperar na história? Com esta consciência histórica da escatologia, o ser humano coloca-se no interior de um dinamismo histórico, onde o progresso do fim último não é uma realidade que passa à revelia de sua própria ação, mas de forma criativa ele participa do definitivo que é chamado a plenitude. Então, *Deus salva com o homem*. Este segundo lógico da revelação, “só é verdadeiro e possível, porque houve um primeiro ontológico da criação do homem por um Deus que o chama a si...”⁶

Deus e o homem manifestam ações divinas – enquanto a ação de Deus é *salvar* e a do homem é ser *salvado* – ambos como sujeitos interlocutores que em comunhão se dignificam pelo que são, fazem e esperam.

Com a encarnação do Verbo – *linguagem bíblica* – ou com a humanização de Deus – na *linguagem teológica* – a cristologia se manifesta radicalmente na antropologia e, por outro lado, na antropologia Deus manifesta a realidade escatologicamente cristológica. Assim, ao entrar na história e não dela sair, Deus manifesta o seu definitivo fim. Deus e o homem – sujeitos que se *complementam* e se *plenificam* e na história revelam-se um ao outro, *quem são* e o que *esperam ser*.



Porque a realidade última é a tal ponto determinante, que para o homem é uma preocupação desde o presente? História e escatologia não se justapõem – porque tudo o que pertence ao passado, historicamente era um projeto de esperança. A história – em tese – *é a realidade de tudo o que o homem esperou* e a escatologia *é toda a realidade que o homem espera ser*.

História é a realidade humana, marcada por uma expectativa e esperada na consumação. Escatologia é a realidade da promessa divina, marcada por uma esperança e vivenciada na história. Para o cristão não é possível conceber uma sem a outra, de modo que estão tão próximas que em Jesus de Nazaré aconteceu definitivamente, de forma plena, a história esperada. Ninguém fez-se tão próximo quanto Ele, e comunicou esta proximidade: "...o Reino de Deus está próximo" (Mc 1,15).

Poderia o homem participar e interferir de modo positivo na escatologia? H.G.Pohlmann compreende que o "eschaton não é algo de a-histórico (...) mas se insere total e incondicionalmente na história, pois o próprio Deus, na sua condescendência, se inseriu total e incondicionalmente neste mundo. *Finitum capax infiniti!*"⁴⁷ Assim como Deus quis uma história longa, e inseriu-se nela, "chamou o homem a uma vocação transcendental e escatológica, (...) e foi convidado a participar do próprio ato criador de Deus"⁴⁸. O homem com Deus re-criam a história e se eternizam na escatologia através de um *dia-logos*, que se principia na imanência da Trindade, que se historiza na Encarnação do Filho e que se plenifica escatologicamente no Espírito.

Bibliografia

- BOFF, L., *O destino do homem e do mundo*, 7ª ed. Vozes, Petrópolis 1991.
- AAVV., *Mysterium Salutis V/3*, Vozes, Petrópolis 1985, 119-133.
- LIBÂNIO, J.B.; BINGEMER, M.C.L., *Escatologia Cristã*, Vozes, Petrópolis 1985.
- EICHER, P., (Dir.), em *Dicionário de conceitos Fundamentais de Teologia*, Paulus, São Paulo 1993, verbetes: escatologia/juízo; tempo/eternidade.
- NOCKE, F.J., *Escatologia*, 4ª ed., Queriniana, Brescia 1990.



Notas

¹ Comunicação apresentada na abertura do Congresso dos Teólogos da SOTER/SUL, em Florianópolis, de 12 a 14/12/1999.

² Cf. J.B.Libânio; M.CL.Bingemer, *Escatologia Cristã*, Vozes, Petrópolis 1985, 98s.

³ Ob. Cit., 100.

⁴ Idem.

⁵ Ibidem, 101.

⁶ Ibidem.

⁷ Citado em *Mysterium Salutis 5/3*, Vozes, Petrópolis 1985, 131-132.

⁸ L.Boff, *O destino do homem e do mundo*, 7ª ed. Vozes, Petrópolis 1991, 30.

Endereço do Autor:

Cx.Postal 15
85806-970 Cascavel - PR